

2 EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Educação e desenvolvimento

Nas décadas de 60 e 70, quando o País alcançou relativo desenvolvimento e modernização, a educação cresceu de forma desigual, da pré-escola ao combate ao analfabetismo.



Juca Martins/F4

ORGANIZAÇÃO SOCIAL/EDUCAÇÃO: evolução das matrículas do 1º, 2º e 3º graus em comparação com a evolução da população (1960-80); a evolução das matrículas no 1º e 2º graus, conclusões na oitava série e ensino superior (1960, 1970 e 1980); a participação das verbas federais no orçamento da União (1960-83)

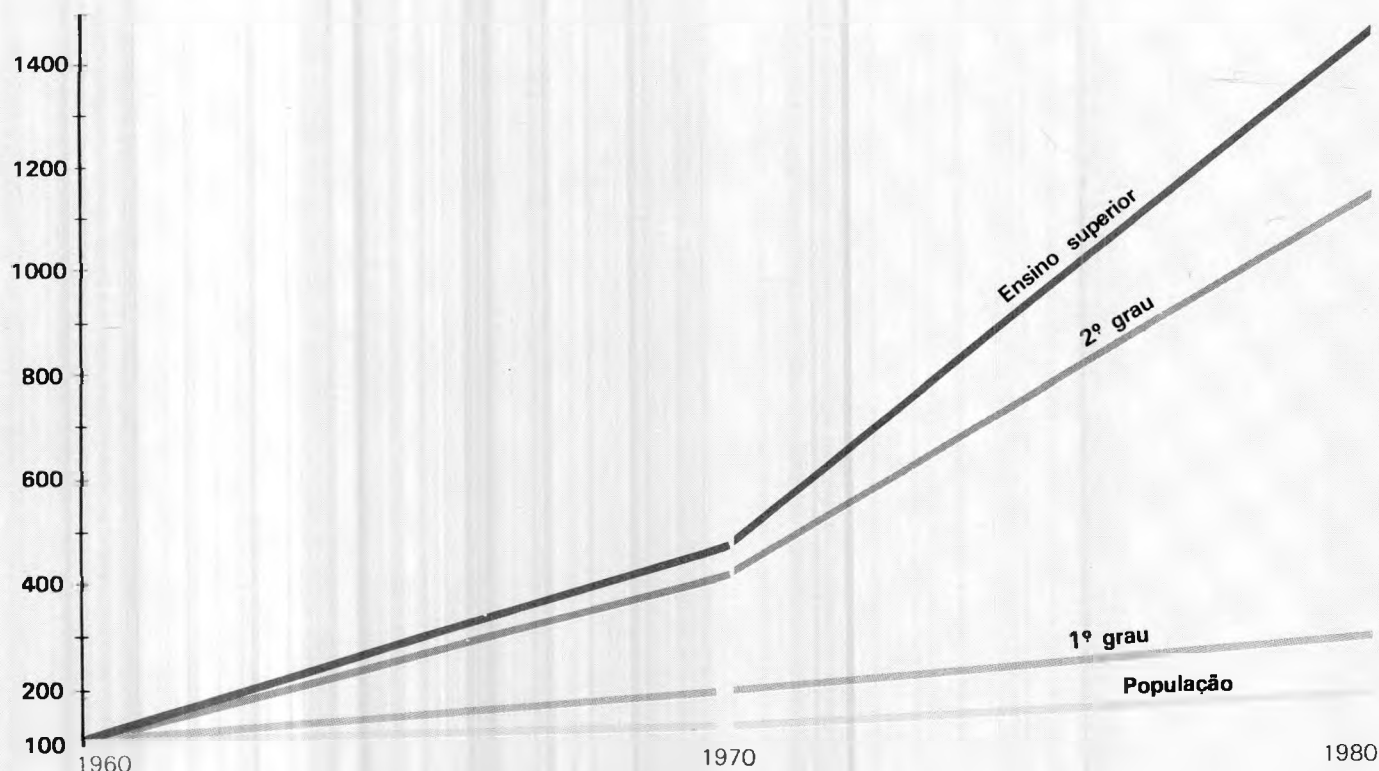
A educação no Brasil

Entre 1960 e 1980, as matrículas escolares cresceram mais que a população, o famoso “funil” educacional ficou menos apertado, mas caiu a participação da educação nas verbas federais

As matrículas cresceram muito mais que a população...

Entre 1960 e 1980, o número de alunos matriculados no ensino superior cresceu quase 1.300%, enquanto as matrículas no 2º grau aumentaram mais de dez vezes. Já no 1º grau – o ciclo obrigatório, segundo a Constituição – o crescimento (170%) acompanhou mais de perto o crescimento populacional no período

Evolução das matrículas do 1º, 2º e 3º graus, em comparação com a evolução da população (1960-80). Base 100 = 1960



Fonte dos dados básicos: FIBGE, Anuário Estatístico do Brasil, MEC/SEEC. Os dados referem-se à matrícula inicial

	Matrículas 1º grau	Matrículas 2º grau	Matrículas Ensino Superior
1960	8.368.285	267.144	100.338
1970	15.892.230	1.033.385	425.478
1980	22.598.254	2.819.182	1.377.286

Fontes: MEC/SEEC, Estatísticas da Educação Nacional 1960-1971 e Anuário Estatístico do Ensino Superior, FIBGE, Anuário Estatístico do Brasil. Os dados referem-se à matrícula inicial

... e o "funil" alargou sua boca de saída

O principal ponto de estrangulamento do funil educacional – a evasão no primeiro ano do 1º grau

– melhorou muito pouco e lentamente em 20 anos. Para cada 100 alunos matriculados no primeiro ano em 1960, havia 41 no segundo. Em 1980, esse número ainda era de 53 crianças.

A grande melhoria se deu no extremo oposto, entre os que completavam o 3º grau. Em 1960, havia um em cada 300 alunos matriculados no primeiro ano do

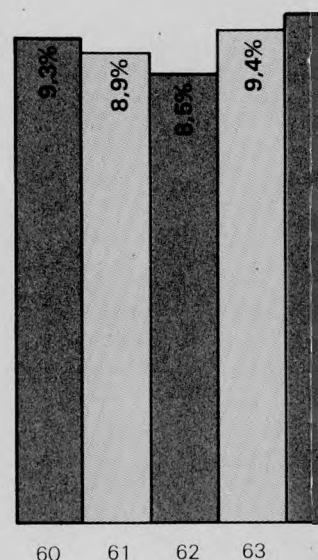
1º grau. Vinte anos depois, já eram 3,4 em cada 100.

A distribuição das matrículas, entre as escolas públicas e privadas, permite compreender como se deu tão grande salto. Em 1960, a participação relativa das escolas particulares era de 44% e em 1980 aproximava-se dos 65%. Foi essa tendência privatizante do ensino superior, iniciada em meados dos anos 60, que permitiu um alargamento tão grande da boca do funil.

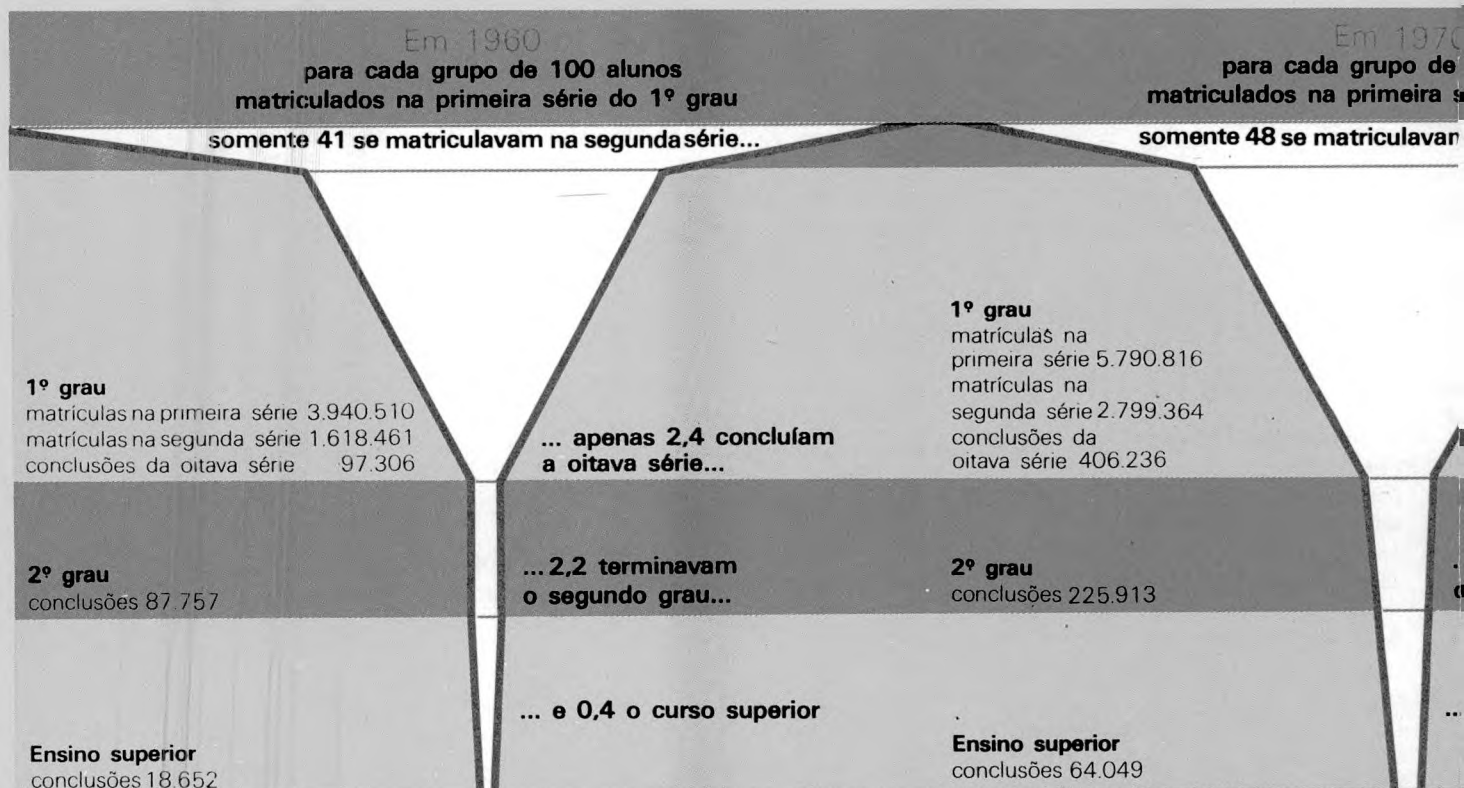
A queda das

Entre 1960 e 1965, havia educação no orçamento do Brasil. Em 1983, as verbas voltaram aos pontos alcançados na primeira metade dos anos 60.

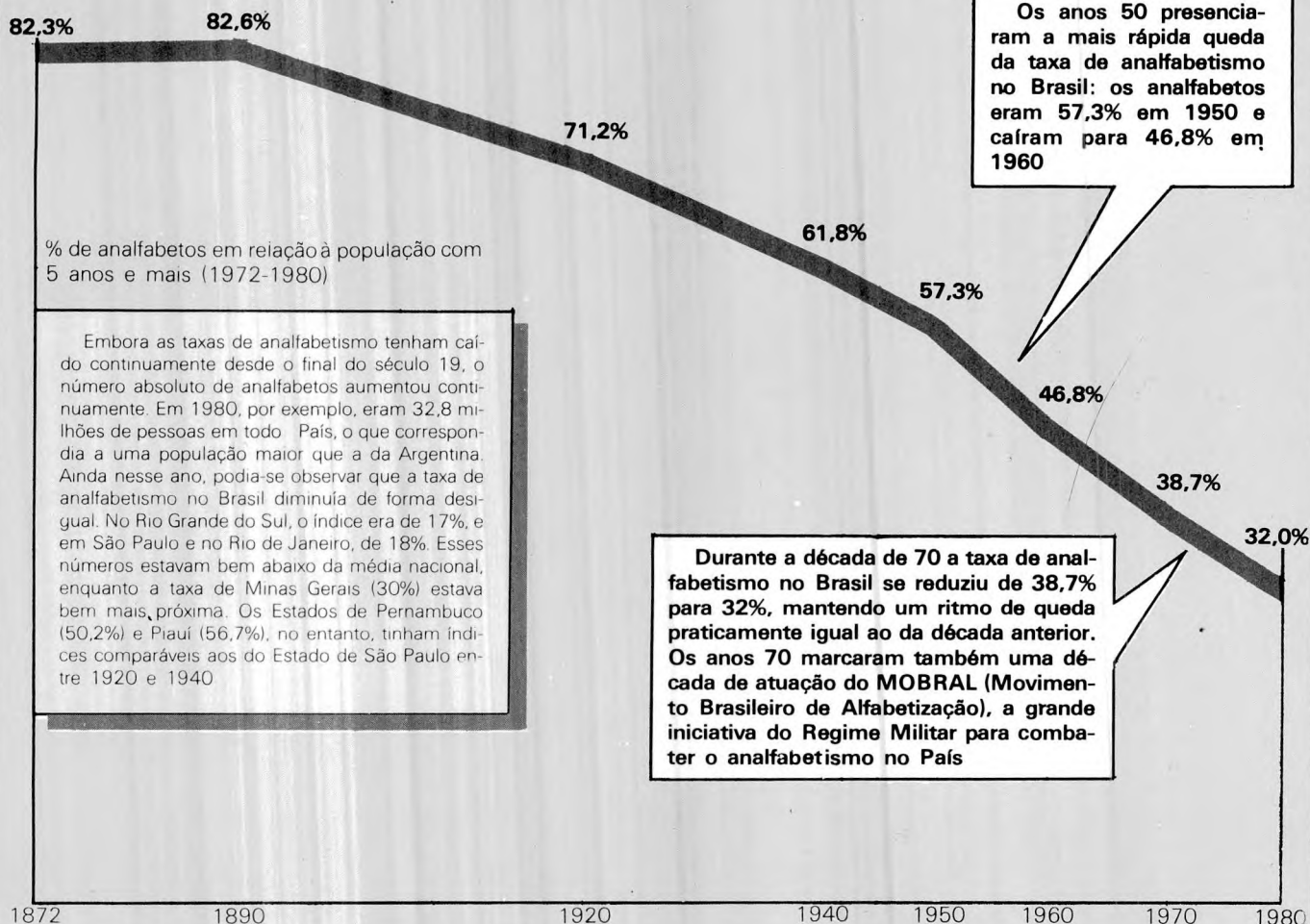
Evolução da participação das



Fonte: FIBGE, Anuário Estatístico do Brasil



Fonte: FIBGE, Anuário Estatístico do Brasil



Fonte dos dados básicos: FIBGE, Censos Demográficos. Elaboração: Prof. Alceu Ferrari, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O analfabetismo no Brasil

A grande iniciativa do Regime Militar para acabar com o analfabetismo foi o MOBRAL, criado em 1970. No entanto, embora a taxa de analfabetismo tenha diminuído em 1980, o número absoluto de analfabetos continuava muito alto e em crescimento – quase 33 milhões de pessoas. Comparando a situação brasileira com a de outros países latino-americanos, o País detinha o sétimo maior índice de analfabetismo. México, Uruguai, Paraguai, Argentina e Cuba, entre outros, apresentavam índices menores que o do Brasil

Adultos analfabetos, dos sexos masculino e feminino, em % (1980)

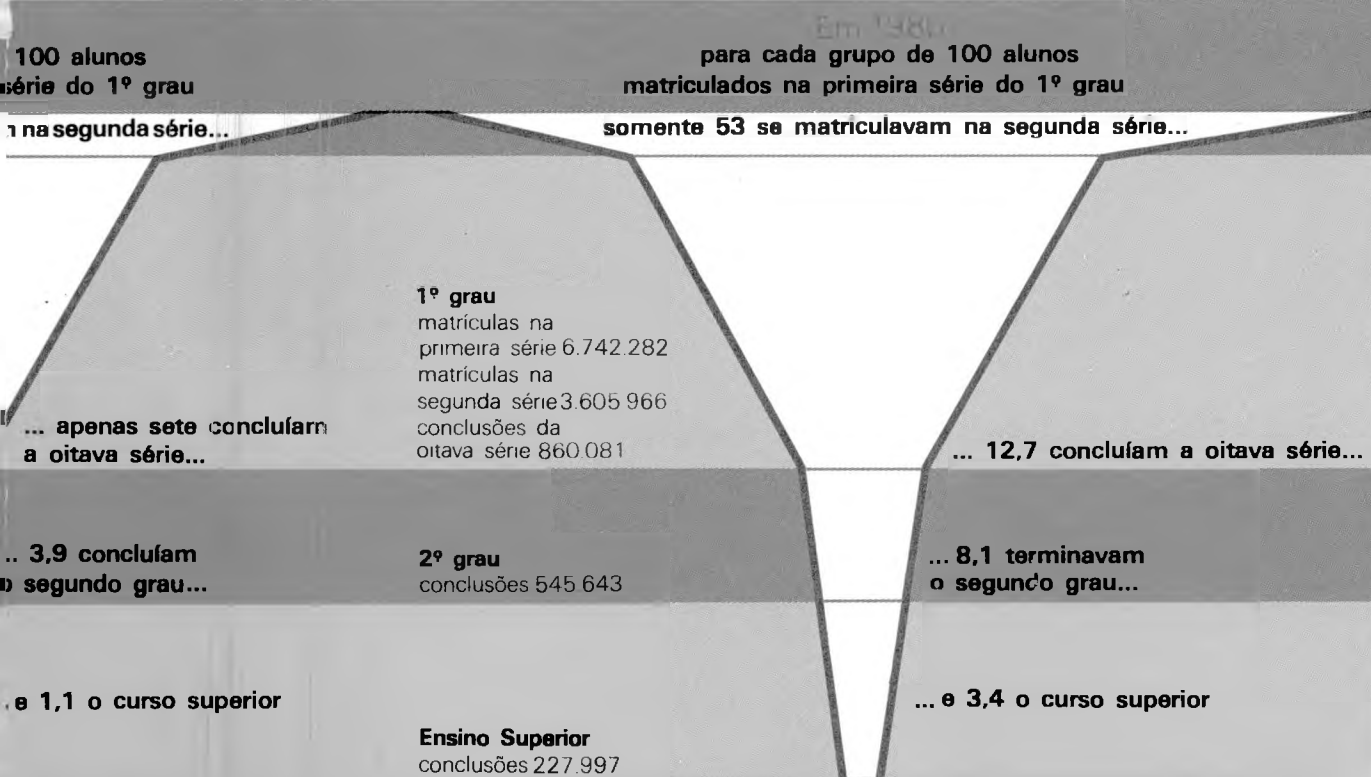
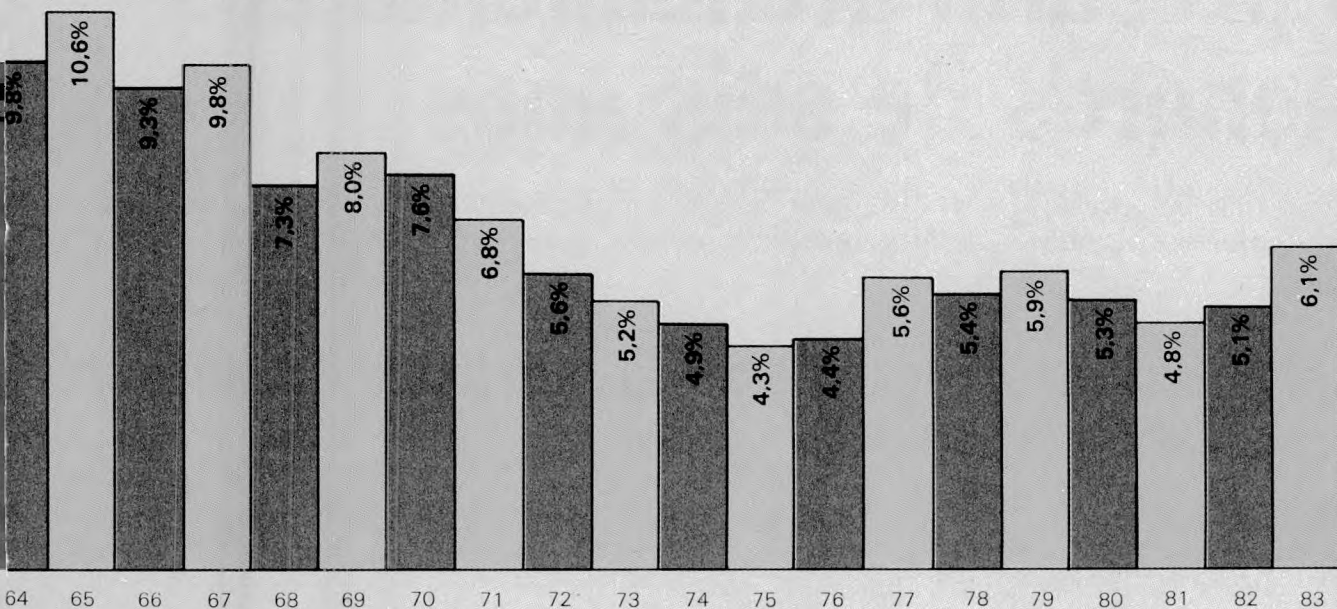
País	% Analfabetos	País	% Analfabetos
1º Haiti	66/76	11º Colômbia	14/16
2º Guatemala	41/56	12º Panamá	13/14
3º Honduras	36/38	13º Paraguai	10/17
4º El Salvador	30/37	14º Cuba	9/9
5º Bolívia	21/42	15º Jamaica	10/7
6º R. Dominicana	25/27	16º Costa Rica	8/8
7º Brasil	24/27	17º Chile	6/9
8º México	19/25	18º Argentina	5/6
9º Equador	18/24	18º Uruguai	5/5
10º Venezuela	16/22	20º Trindade e Tobago	3/6

Fonte: Situação Mundial da Infância – 1985 (Parte II) – Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF

verbas

uma tendência crescente na participação das verbas para a União. A partir de 1966, a tendência inverteu-se e de 1976 até a crescer, só que lentamente e permanecendo ainda longe dos primeiros anos 60

verbas no Ministério da Educação e Cultura (MEC) no orçamento da União, em % (1960-83)



ORGANIZAÇÃO SOCIAL/EDUCAÇÃO: matrículas na pré-escola (1975-83); atendimento pré-escolar por região, em %, sobre a população em idade escolar (1974-75 e 1980); distribuição do atendimento às crianças de até seis anos, por classes e por regiões, em % (1982); número de analfabetos em relação à população com cinco anos ou mais (1872-1980); adultos analfabetos dos sexos masculino e feminino em alguns países do mundo, em % (1980)

O precário atendimento aos menores de seis anos

O atendimento às crianças em idade pré-escolar melhorou durante a década de 70, mas era de alcance limitado e não privilegiava os que mais necessitavam dele

A pré-escola cresceu, mas ainda está longe de atender às necessidades...

O número de matrículas mais que triplicou entre 1975 e 1982, e a participação do Estado aumentou. Mas em 1980 o atendimento ainda não alcançava 6% das crianças em idade pré-escolar

Matrículas na pré-escola (1975-82)					
Ano	Público		Particular		Total
	Nº	%	Nº	%	
1975	302.494	54,89	248.628	45,11	551.112
1978	559.428	54,21	472.393	45,79	1.031.821
1979	652.598	54,56	545.506	45,44	1.198.104
1980	714.817	53,65	617.490	46,35	1.332.297
1981	829.651	54,58	690.409	45,42	1.520.060
1982	1.097.734	58,80	769.134	41,20	1.866.868

Fonte: *Sinopse Estatística da Educação Pré-Escolar 1979/80*, para os anos de 1981 e 1982 os dados foram fornecidos pelo Serviço de Processamento de Dados do Ministério de Educação e Cultura (MEC) — *Sinopse Estatística da Educação Pré-Escolar 1982*, a população de zero a seis anos nos anos de 1981 e 1982 foi estimada a partir da projeção considerando um índice de crescimento de 2,4% por Solange Jobim e Souza — *Tendências e Fatos na Política da Educação Pré-Escolar no Brasil*, Cadernos de Pesquisa, da Fundação Carlos Chagas, nº 51, novembro de 1984

Atendimento pré-escolar, por região, em % sobre a população em idade pré-escolar (1974/75 e 1980).

Regiões	1974/75 %	1980 %
Norte	1,48	3,94
Nordeste	1,89	4,14
Sudeste	5,69	8,56
Sul	2,72	4,50
Centro-Oeste	3,64	4,90
Brasil	3,51	5,90

Fontes: para 1974/75 — Ferrari e Gaspary, *Educação e Sociedade*, jan. 1980, para 1980 — *Sinopse Estatística da Educação Básica 1979/1980*, MEC/SEEC — *Tendências e Fatos na Política da Educação Pré-Escolar no Brasil*: Solange Jobim e Souza, *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, nº 51, novembro de 1984
Obs: para 1974/75, foi considerada a população de dois a seis anos, para 1980, a população de zero a seis anos.

...especialmente dos que mais precisam dela

Distribuição do atendimento às crianças de até seis anos por classes de renda mensal-familiar, segundo a região, em % (1982)						
FAIXAS DE RENDIMENTO	NORTE	CENTRO-OESTE	SUL	NORDESTE	SUDESTE	TOTAL
Até 2 salários mínimos (*)	30,78	26,81	24,05	50,16	18,13	30,7%
Mais de 2 a 5 salários mínimos	37,12	28,78	33,72	28,28	32,57	31,19%
Mais de 5 salários mínimos	31,06	43,86	42,18	20,99	48,53	37,48%
Sem declaração	1,03	0,55	0,04	0,56	0,77	0,62%

Fonte: PNAD, 1982 — Programa Nacional de Educação Pré-Escolar — Projeto de Pesquisa sobre Quatro Experiências Brasileiras, pesquisadoras responsáveis: Maria M. Malta Campos e Yara L. Esposito, Fundação Carlos Chagas, SP, 1984

(*) inclui os sem-rendimento

O atendimento pré-escolar melhora na medida em que crescem as faixas de renda. Os dados de 1980 mostram que os que ganhavam mais que cinco salários mínimos eram privilegiados, enquanto a população mais carente, com renda até dois salários, era pior atendida